

TEOCENTRISMO E REVOLUÇÃO

FERNANDO WHITAKER DA CUNHA

À memória de Joaquim de Carvalho

Nascido em Amsterdam, em 1632, e falecido em Haia, em 1677, sem nunca ter saído da Holanda, “acompanhando e sentindo como nacional as vicissitudes políticas da pátria de nascimento”, como nota o sábio Joaquim de Carvalho (Obra Completa, I, pg. 372), Baruch Benedictus Espinosa, em abissal vida subjetiva, percorreu intenso roteiro existencial, que é um desafio constante a seus pesquisadores, a partir de suas raízes familiares, pelas quais se interessou Pierre Bayle (“Je n’ai pu apprendre rien de particulier touchant La famille de Spinoza; mais on a lieu de croire qu’elle était pauvre et très-peu considerable”) e que Joaquim de Carvalho acabou por desvendar.

Seu pai Miguel de Espinosa, judeu português, comerciante (a família originária da Espanha emigrou em virtude das perseguições), nasceu em Vidigueira, estabelecendo-se, após estada em Nantes, na Holanda, como tantos outros israelitas, que buscavam a tolerância religiosa e a liberdade de comércio.

A primeira mulher, de seu genitor, Raquel, faleceu em 1627 e, possivelmente, em 1628 casou-se ele com Ana Débora, talvez sua parenta, mãe do filósofo, e que teria ascendência lusa. Sua terceira mulher, Ester, entretanto, era lisboeta e encarregou-se do enteado, que contava 6 anos (a influência portuguesa foi marcante nele; inclusive no que se refere a seu posicionamento mental, bastando lembrar a impressão que lhe causou o trágico fim do atormentado Uriel da Costa, que mereceu de Rui Domingues — Escritos Subjetivos, págs. 296-299: compreensivas e penetrantes linhas) e que teve duas irmãs, Rebeca e Miriam, tendo esta se casado com o judeu português Samuel Caceres, com o qual teve o filho Daniel que, juntamente, com a tia, reclamaria os bens

do notável pensador, “boêmio de claustros cerebrais”, conforme Wilson Coutinho, em excelente poema (“Introdução à adolescência de Spinoza”, na Folha de São Paulo, de 30-09-84), versado em inúmeros idiomas, inclusive o português. A propósito, Marilena Chauí (Da Realidade Sem Mistérios ao Mistério do Mundo, pg. 28, 2ª ed.) escreve: “Dessa maneira, sem negar em momento algum do Teológico — Político que a Sagrada Escritura seja palavra de Deus, a análise do uso da língua indica de modo sutil e indireto a realidade humana do documento judaico-cristão. Não é o racionalista quem o mostra, mas o filólogo”. Observou André Maurois (Voltaire, pg. 9, 3ª ed. argentina) que “Spinoza pôs em sua obra *Ética*, a metafísica em teoremas, corolários e escólios”, mas poderíamos afirmar, que, também, sua vida foi colocada, refinadamente, em termos geométricos, mesmo como uma fuga ao sectarismo, tão comum nas posições teológicas, como asseverou Voltaire, mas, apesar “do uso que fez de uma língua puramente lógica”, como sublinha Silvio de Macedo (“A Linguística Jurídica”, in Rev. da ABLJ, nº 1), demanda ela hermenêutica”.

Euríalo Canabrava (Descartes e Bergson, pg. 160), registra: “Bergson confessa que há em Spinoza qualquer coisa de sutil, de muito leve, de quase etéreo”.

Influenciado por Maiomonides, Leon Hebreu (Leon Abarvanel), Juan del Prado e Descartes (não obstante Schweitzer afirmou que tanto seus predecessores como os de Nietzsche se encontram na China, porque “nesse país a afirmação da vida ensaiou chegar à idéias claras sobre si mesma”) Espinosa fez da sua vida monástica e regrada e de sua densa obra um protesto racional contra a superstição e o medo (que tanto havia marcado Hobbes), pregando um depurado “amor intelectual” por Deus, que tinha algo de aristotélico e de tomista e que em nada se confundia com o ateísmo, da mesma forma que Averrois, ao contrário do que muitos supunham, não negava a intervenção divina.

Einstein confessou que acreditava no Deus de Espinosa “que se revela na harmonia de todo o criado, não em um Deus que se preocupa pelo destino e pelas ações dos homens”.

O pensamento de Descartes, “une physique de l’entendement”, no sentir de Henri Petit (Descartes et Pascal, 1930, pg. 89) foi importante para o genial holandês, a ponto de se indagar quais seriam suas idéias se tivesse escrito antes do autor do “Discours de La Methode” (Bergson: “se Espinosa tivesse vivido antes de Descartes teria escrito sem dúvida alguma coisa diversa do que escreveu, mas vivendo e escrevendo, não deixamos de estar certos de que teríamos o espinosismo”). A ambição de Descartes “est d’abord de voir clair

en ses actions et de marcher avec assurance dans cette vie”, segundo Jean Wahl (Tableau de La Philosophie Française, pg. 9).

Como pondera Charles Renouvier (Descartes, pg. 36, 2ª ed. argentina), de acordo com “el axioma reconocido por Descartes y enunciado formalmente por Spinoza, el conocimiento de un efecto depende del conocimiento de su causa, e implica esta mesma causa, sendo claro que tanto para um como para o outro a Filosofia é o conhecimento das causas, sendo ambos, nesse aspecto, espíritos clássicos se por esses entendermos, como ensina Merlau-Ponty, aqueles cujo pensamento aceita que “a racionalidade em si do mundo é inquestionável”.

O Deus espinosista é Energia pura, raiz vital, princípio propulsor da ordem universal; dele nos aproximamos pela razão, e a consciência de sua realidade nos traz a responsabilidade de uma existência ética e digna. “Por Deus”, explica Spinoza, “eu entendo um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância constituída de uma infinidade de atributos dos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita” (o atributo, para ele, é aquilo que o entendimento percebe de uma substância, como constituindo a essência dela), completando: “a essência de nossa alma consiste em um só conhecimento do qual Deus é o princípio e o fundamento”.

Apenas os intolerantes, os sectários poderiam ver em exposições como essas, um rude agnosticismo (Goethe, que, como Lessing, era espionista negativa o ateísmo da doutrina que seguia: “Spinoza ne démontre pas L’existence de Dieu; c’est L’existence qui est Dieu; et si d’autres, pour cetie raison, le traitent d’athée, je voudrais, moi, lui faire louange du non de theissimus et christianissimus”), tendo sido Colerus, primeiro biógrafo de Espinosa, um dos responsáveis pela deformação de sua mensagem, sendo inconcebível que uma cerebração privilegiada como a de Hume, não a tivesse compreendido, vendo-a como “hedionda hipótese”.

Há que concordar com Ethel Portnoy (Spinoza — o filósofo proscrito, in Crônica de Holanda, nº 88) que Espinosa era “de todos os homens, o mais obsecado por Deus”.

Por isso, estudava-o, ele, incessantemente, com uma visão global e orgânica da criação, mas “en realidad el spinocismo no es un panteismo sino una teofania, pues no reduce a Dios a Las cosas, sino que creia que Dios mismo se encuentra entre nosotros”, registra o insuspeito Salomón Suskovich, em magnífico ensaio (Spinoza, Luz y Sombras, pg. 132, Buenos Aires, 1983, obra editada pelo “Congresso Judio Latino-Americano”). Joseph Moreau (Spinoza et le Spinozisme, pg. 92) vê aproximações dessa doutrina com o teocentrismo de Malabranche. Em carta a Guilherme de Bleyenbergh reafirma o profundo,

lúcido e sentencioso autor da Ética: “Deus é, absoluto e efetivamente, causa de tudo, seja o que for, que tem uma essência”. Como o que expressa o mal, o erro e o crime não consiste em algo que traduza uma essência, Deus não pode ser considerado causa deles.

Com 24 anos, Espinosa é intimado a se retratar de seu “ateísmo”, pela Sinagoga de Amsterdam, sendo submetido a maldoso interrogatório. Em 1656 é publicada sua excomunhão (“herem”), para a qual muito contribuiu o pretensioso e obstinado rabino Morteira, bem diferente do rabino Manassah, amigo de Rembrandt (suas relações com Espinosa ainda não foram devidamente apuradas), circunstancialmente, na Inglaterra, tentando demover Cromwell, de proibir a entrada de judeus naquele país.

Antes, porém, foi oferecido, em vão, ao filósofo, que desde 1654 vivia, modestamente, do polimento de lentes, (“Estudo astronomia numa lente polida por Spinoza” diz o verso de Luis Aranha), e já era tuberculoso, mil florins, com evidente intuito de persuadí-lo. Constava do absurdo decreto de banimento da comunidade: “Com o julgamento dos anjos e a sentença dos Santos, nós anatematizamos, maldizemos e expulsamos Spinoza... Que ele seja maldito de dia e de noite, que seja maldito saindo e entrando..., que ninguém converse com ele por palavra falada ou escrita, que ninguém lhe preste qualquer serviço ou habite sob o mesmo teto, que ninguém leia nenhum documento ditado por ele ou escrito por sua mão” (desse fato, possivelmente, venha o infame trocadilho com seu nome: Maledictus).

Para demonstrar a morte espiritual do excomungado as velas da Sinagoga foram apagadas uma após a outra.

A esse julgamento poderemos aplicar as palavras do Padre Antonio Vieira, pronunciadas no Sermão da Primeira Domingo do Advento:

“Quais serão as conseqüências de um voto injusto em um tribunal? Quais serão as conseqüências de um voto apaixonado de um Conselho? Ajude-me Deus a saber vo-los representar, pois é matéria tão oculta e de tanta importância. Consulta-se em um conselho o lugar de um governador, de um general, de um ministro superior da fazenda ou da justiça, e que sucede? Vota o conselheiro no parente, porque é parente; vota no amigo, porque é amigo, vota no recomendado, porque é recomendado; e os mais dignos e os mais beneméritos, porque não têm amizade, nem parentesco, nem valia, ficam fora. Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim, Agora quisera eu perguntar ao conselheiro que deu este voto e que o assinou, se lhe remordeu a consciência ou soube o que fazia?, o Professor W. Falk (Curso de Introdução ao Direito Telmúdico) consignou que “enquanto Spinoza interpretou primeiramente a Torah como um Sistema legal e político, Mendelssohn

desenvolveu a idéia, distinguindo entre os aspectos Legal e Espiritual da religião Judaica”.

Percebe-se, desde logo, que não foram motivos teológicos que causaram a excomunhão do admirável pensador, pois Maimonides e Leon Hebreu apresentavam grandes pontos de contacto com ele e sequer foram admoestados. Esta, nos convencidos de que os fatores foram, essencialmente, políticos.

Salomón Suskovich (ob. cit., pg. 14) repara: “Los Judios, que hallarótt em Hollanda un refugio tranquilo, estaban agradecidos ai regimen monárquico, de entonces por los favores recibidos, por 10 tanto no podían tolerar que de su proprio medio surja alguien que sea miembro activo de las ideas revolucionarias de entonces”.

Sabe-se, que naquela época, existiam, na Holanda, inúmeras seitas dissidentes (menonitas, arminianos, socinianos, remonstrantes e luteranos, entre outras). A principal delas era a dos Colegiantes (de Colégio, Assembléia), que defendia a tese de que a igreja e os sacerdotes não eram imprescindíveis, podendo os fiéis se reunir em casas particulares para ler e interpretar a Bíblia, e dialogar livremente a respeito de assuntos religiosos, profligando todo e qualquer dogma.

Por essas razões, o governo calvinista batavo passou a perseguir, ‘como revolucionários, os adeptos dela’.

Espinosa havia se ligado a eles, entre os quais encontrou amigos, ao abandonar a Sinagoga e esse foi, na verdade, o motivo que os receiosos judeus, preocupados em manter o statu quo da comunidade, encontraram para expulsá-lo (concorda Salomón Suskovich, ob. cit., pg. 23: “el unico motivo importante para hacerlo, era la relación que mantenía con los colegiantes”), temendo perder a tranqüilidade que gozavam no território holandês. Gebhardt entende que eles não tinham alternativa. O seguinte parágrafo de Espinosa (Ética IV, 18), aliás, pode-lhes ser aplicada: “Como a razão não exige nada que seja contrário à natureza, exige, por conseguinte, que cada qual se ame a si mesmo, que busque o que é realmente útil para ele”.

As cogitações de Espinosa têm, igualmente, como não podia deixar de ser, tonalidade política, (provocada por fatores internos e externos, como o agressivo comportamento de Luiz XIV contra sua pátria) e, nesse aspecto, ainda não foram detidamente estudadas, apesar do “Tratado Teológico-Político”, do qual o “Tratado Político” foi uma inacabada continuação. Raymond Gettel vê algumas semelhanças entre seus sistemas e os de Grócio.

Admitia ele um liberalismo autoritário (mas fazia a crítica do autoritarismo, examinando a vanglória) e radical, a monarquia livremente instituída,

limitada por Conselhos eleitos, fundada numa organização social-democrata de conteúdo acentuadamente popular e defendia a liberdade religiosa, a subordinação à lei, a concepção de que o direito se mede pelo poder e de que a paz não é a ausência de guerras, mas a “união dos corações”, ‘defendendo, ainda, o bicameralismo e certas incompatibilidades para a disputa de alguns cargos públicos, dando ao Estado, cujo fim verdadeiro “é a liberdade, a paz e a segurança da vida” (conseqüentemente, “o melhor Estado é aquele em que os homens vivem em concórdia, sem qualquer violação de seus direitos”), uma base natural e não teológica.

A democracia era, para ele, a forma de governo “que mais se aproxima do estado da natureza”.

Santayana declarou que o insigne holandês “fundou sua filosofia, em parte, sobre um judaísmo racionalizado, em parte, sobre o sistema de Descartes’ e, na política, sobre o sistema de Hobbes”, admirava Maquiavel, penetrando no âmago de sua construção teórica.

Na sua construção: “senza riserve della ragion di stato” se pode constatar presença hobbesiana (Friedrich Meinecke — *L’Idea Della Ragion di Stato Nella Storia Moderna*, pg. 224, 2ª ed. italiana, 1977).

Perguntando a Espinosa qual a diferença, quanto à política, entre ele e o inquietante criador do “Leviatã”, respondeu: “mantenho sempre o direito natural e não concedo, numa cidade, qualquer direito ao soberano sobre os seus súditos, se não na medida em que, pelo poder, ele se lança sobre eles; é a continuação do estado de natureza”.

Raymond Gettel (*História de Las Ideas Politicas*, I, pg. 376) distingue-os: “mientras Hobbes atiende, sobre todo, a la concepcion absoluta de la soberania, Spinoza procura assegurar, por el contrario, la libertad de los individuos” (em decorrência algumas de suas idéias serão recebidas por Locke e Rousseau).

Em sua exaustiva análise da obra de Hobbes (*Ao Leitor Sem Medo*, pg. 157), Renato Janine Ribeiro salienta que ele “só conhece a natureza depois de ocorrida uma maturação que, enquanto processo, não lhe interessa”.

Sem abordar, nessa oportunidade o ambivalente pensamento do escritor inglês (o que fizemos no livro *Democracia e Cultura*, 2ª ed., pg. 348-349) que repercutiu em Rousseau e em alguns de seus seguidores, não resta dúvida, como se constata, que Espinosa não tinha qualquer inclinação para o absolutismo.

José Perez via nele um coletivista agrário e Alain acrescenta “qu’il était profondément attaché à la République Hollandaise, et qu’il mettait la liberté de conscience et la liberté politique ou nombre des biens les plus précieux”.

Antecipou, revolucionariamente, a Hegel (“Spinoza est le moment crucial de la philosophie moderne: ou bien le spinozisme, ou il n’y aura pas de philosophie”), Feuerbarch (compreendendo que a realidade do homem só pode ser captada na vida em sociedade) e a Freud (enfocando lapsos, obsessões, compulsões e repressões).

Alcântara Nogueira (Filosofia e Ideologia, pg. 88) considera, ainda, que foi ele “o primeiro antes de Marx a sentir que na posse dos meios de produção reside o elemento básico para o homem realizar-se segundo a sua natureza social” (Norberto Bobbio, por sua vez, considera James Harrington, autor de Oceana; precursor do materialismo histórico, por sua tese “Empire follows the nature of property”).

Marx, aliás, escreveu que “há em Hegel três elementos: a subsistência espinozista, a consciência fichteana, a unidade hegeliana das duas, necessariamente contraditória em si”.

Por sua vez, Georges Gurvitch (A Sociologia de Karl Marx, pg. 13) salienta: “Max Adler, afirmando que o marxismo e sociologia são uma só e mesma coisa, tornava a sociologia filosófica, aproximando-a do spinozismo”.

Toda a conduta intelectual de Espinosa pode ser resumida na frase “não zombar, não lamentar, não desprezar, mas compreender”, que está bem distante da misantropia inventada pela lenda, sendo, como lembra Alcântara Nogueira (O Método Racionalista-Histórico em Spinoza, pg. 115), “uma filosofia de vida: não de vida orientada para a angústia, mas de vida à procura da alegria do espírito”.